

UNHOLY WITH EYES LIKE WOLVES

Morgan Dante





Não quero o que a cabeça pensa
Eu quero o que a alma deseja

Noémie, uma nobre desonrada e viúva no início do século XVII na Hungria, encontra-se em uma posição nada invejável: após um trauma e uma perda grave, sua última chance de recuperar sua honra surge quando ela precisa servir como dama de companhia de Lady Erzsébet Báthory. Báthory é estoica e imperiosa, e enquanto Noémie luta para se aclimatar e aceitar seu presente e futuro, ela começa a ter sonhos com uma mulher misteriosa. Pior ainda, há histórias de desaparecimentos e mortes no castelo, e Noémie pode ser a próxima.

Avisos de conteúdo



Menção de estupro; menção de casamento arranjado de menores no século XVII; gravidez; menções de abortos espontâneos e natimortos; representação de aborto; violência; morte; consumo de sangue; sangue em cenas de sexo; uso sacrílego da Virgem Maria.

Esteja ciente de que este é um romance de horror sáfico para adultos e tem conteúdo sexual explícito.

Louvores para *Unholy with Eyes like Wolves*

“Indulgente, depravado e otimista, UNHOLY WITH EYES LIKE WOLVES é uma fuga sangrenta que fará os leitores torcerem por suas mulheres queer, não importando os erros que cometam em busca de sobrevivência e salvação.” – Ladz, autor de THE FEALTY OF MONSTERS

“Sumptuoso e inebriante como uma rosa negra, UNHOLY WITH EYES LIKE WOLVES se desdobra lentamente para revelar as camadas intrincadas de seus temas, do desejo sáfico proibido à subjugação religiosa das mulheres. Leitura obrigatória para aqueles que anseiam por se tornar o monstro e buscam a libertação por meio da transgressão.” – Camilla Andrew, autora de THE SANGUINE SORCERESS

“Um romance em banho-maria que te atrai para a decadência, UNHOLY WITH EYES LIKE WOLVES se desenrola como o máximo deleite gótico - e não se esquiva da indulgência e da devassidão macabras. Morgan Dante é uma mestrie do sexo sangrento, e os fãs de romance de terror vão adorar este.” – Tyler Battaglia, PRAY FOR HIM

Um

1608, 20 de setembro

Dezessete dias antes de morrer, enfio a ponta dos dedos nas dobras do meu vestido. Sozinha no interior vermelho da carruagem, com um pequeno baú de madeira com minhas roupas, encosto o ombro no veludo e fecho os olhos, tentando relaxar ao som rítmico dos cascos. Não estou acostumada a viajar sem Sophie, minha criada pessoal.

Minha mãe me colocou em uma posição respeitável como dama de companhia pessoal da Viúva Nádasdy. Um status que representa minha necessidade, na idade avançada de 28 anos, de ser redimida e reeducada. Uma honra e uma vergonha. Uma promessa.

Foi uma jornada que durou o dia todo, mas não foi terrível. Fresco e úmido. Apesar do início tardio da manhã, trotamos em um bom ritmo, parando apenas uma vez para caminhar pela trilha entre planícies douradas e um céu azul sem nuvens.

À medida que começa a chover e a estrada fica macia e escorregadia, a viagem desacelera. As árvores cedem violentamente suas folhas.

Ingenuamente, enquanto mantenho meus olhos grogues abertos, penso em tentar bordar, mas meu estômago se revira com o tremor da viagem. Cada sulco e cada pedrinha me despertam bruscamente. Do lado de fora da janela embaçada, galhos retorcidos que se agarram à trilha se retorcem como relâmpagos invertidos; o trovão faz o chão sob as rodas tremer.

Eventualmente, a chuva diminui, mas o dia continua nublado.

Ao meio-dia, passamos por vinhedos e camponeses cuidando de gado cinzento da estepe, com os cães kuvasz, cobertos de neve, montando guarda como o arcanjo Miguel. Por um breve momento, do lado de fora da

carruagem, enquanto caminho para acordar as pernas, encontro os olhos de alguns dos homens cansados, que desviam o olhar. Vislumbro um cão patrulhando os campos e, embora ele não se mova do seu lugar, sempre a sentinela obediente, abana o rabo uma vez, e meu ânimo se eleva enquanto sorrio. Ultimamente, minhas refeições pesam estranhamente no meu estômago, então sorrisos não vêm facilmente.

Por causa do friozinho, os homens vestiram seus mantos de pele de carneiro e chapéus emplumados de pele de lobo. Sobre as roupas, carregam arcabuzes presos às costas. Aperto minha estola, salpicada de girassóis amarelos como pimentas-de-cera e papoulas escarlates como páprica, mais perto dos ombros. Meu vestido de brocado, forrado de ouro, é negro como o luto.

Então, de volta para dentro da boca aveludada e sangrenta da carruagem.

A caminho do Castelo Csejthe, um raio se desenrola bem acima das árvores. Quando saímos brevemente de um bosque e estamos prestes a entrar em outro, consigo ver o céu. A lua cheia, uma opala distante, paira no alto do entardecer azul-escuro, com linhas rosadas; não deve demorar muito. Evitamos com sucesso as calçadas alagadas dos pântanos da floresta.

À minha direita, seguro o cabo de ferro da lamparina mal iluminada, cuja janela é feita de chifre de boi, e brinco com o anel, que range. À esquerda, um pouco abaixo da saia do meu vestido, seguro minha faca de caça de damasco, uma antiga lembrança de Apa¹.

No topo da carruagem estão três homens de armas, um deles András, meu primo; se estão falando, não os ouço. Mais uma vez, quase me afasto, com pinturas oníricas de amoras silvestres, capim alto e cavernas proibidas me percorrendo.

¹ Pai

Eu os ouço.

Cascos. Perto.

O estrondo aumenta como uma batida cardíaca em pânico.

Estrondoestrondoestrondoestrondoestrondo.

A carruagem para bruscamente, e as agulhas e o tecido de étamine voam do meu colo. Eu me enrolo na quina da carruagem para não cair no chão. A lamparina cai e a luz da vela se apaga, mergulhando-me na quase escuridão.

Ladrões. Betyárs². O suor faz cócegas na minha têmpora. Engolindo em seco, aperto o cabo da faca, com os dedos doendo.

Os cascos se aproximam, e a carruagem permanece estranhamente imóvel enquanto ouço os gritos guturais dos homens e o choque de metal contra metal. Um estrondo agudo corta o ar, e algo atinge a carruagem.

Tiroteio.

Embora eu tenha fechado as cortinas com força, espio lá fora. Sombras da floresta obscurecem o movimento dos galhos.

Congelo, presa nesta gaiola de madeira. A rebeldia me revira o estômago.

Gritos. Xingamentos. Baques. Meu coração se fecha na garganta, um nó no estômago. András. Quero correr e salvá-lo, me colocar entre ele e qualquer atacante, mas sei que não posso. Sou apenas um pouco boa contra um homem desarmado usando algum elemento surpresa, como dentes.

Mesmo agora que sou uma mulher adulta, uma viúva, sinto-me como uma menina. Meus ossos doem.

O cheiro de fumaça metálica invade a carruagem. Alguém dispara. Ladrões andam armados?

² Salteadores de estrada

A carruagem range. O cabo da faca não arranha minhas mãos, mas minhas unhas sim. Outra explosão, e minha mente tenta decifrar o som de relâmpagos e armas. Antes que eu possa...

A porta se abre e um homem enfia a cabeça para dentro, seu bigode loiro-claro como uma lesma emplumada acima da boca rosada e úmida. Embora use um capuz marrom sobre a cabeça, um bloco de couro fino servindo como uma couraça rudimentar, vejo seus olhos selvagens, tão verdes quanto os meus. O brilho de suor e sangue seco em sua testa e no couro de seu gibão permeia o ar.

Ele se levanta, tentando entrar completamente na carruagem, e minha mente se esvazia. Um corte vermelho em sua mão aberta, estendendo-se para mim... ele, não, eu fiz isso.

Estou fazendo isso. Com a faca do meu pai, minha faca.

Com minha faca, corto a palma da mão aberta do assaltante, chocada ao ver como meu golpe mal diminui a velocidade quando a ponta afiada encontra a pele, e ele se encolhe de surpresa. A náusea faz meu estômago revirar; mais do que nunca, sinto-me fraca, especialmente ao ver sangue.

Atordoado, ele instintivamente recua antes de seus lábios se curvarem. Um sorriso irônico.

Eu me enrijeço, esperando seu próximo movimento, mas então ele desaba com um estalo doentio quando a coronha de um arcabuz atinge seu crânio, e vejo os olhos azuis e pálidos de András, seu rosto úmido de suor. Tento sair da carruagem, mas só consigo tirar um pé, metade da minha saia, antes que András levante a mão para protegê-lo.

Com o canto do olho, vejo homens uniformizados em cavalos pretos.

— Quem é esse? — pergunto ao meu primo.

— Os homens da Condessa. — Ele acena com a mão. — Meu Deus, Noémie, fique aí dentro. Isso não é nada para uma mulher ver. — Já vejo

um dedo decepado ao lado de um círculo de cogumelos, e aquele crânio rachado com uma ruptura de matéria rosa e vermelha brotando como flores.

Lanço um olhar penetrante ao meu primo. — Andrés, preciso falar com eles. Deixe-me sair.

Mesmo assim, com um olhar cauteloso, Andrés me ajuda a sair da carruagem, com uma mão gentil em meu cotovelo.

Ainda montados, seis homens se aproximam de nós com capas e chapéus grossos e peludos; reconheço o emblema em seus tabardos, um dragão serpenteante curvado para devorar o próprio rabo. Eles são adornados com lâminas e armas de metal.

O mais implacável deles, um homem bonito de barba preta e olhos cinzentos marcados pela experiência, olha para o chão e balança a cabeça. — Malditos bandidos. Eles têm atormentado esta floresta como demônios do Inferno no último ano. — Ele faz uma pausa, olhando para o meu rosto. — Minha lady, perdoe-me se estou sendo brusco.

— Eu te perdoo — digo — pois o Senhor sempre ensinou a temperança — Sinto cheiro de sangue e fumaça.

Severamente, ele adverte: — Você deveria ter avisado. Acredito que a Condessa estava esperando você amanhã. Se eu soubesse, nossos homens teriam te encontrado antes de entrar na floresta.

— Sim — respondo, engolindo a piada de que minha mãe mal podia esperar para me pôr para fora. Ofereço um sorriso sedutor. — Agradeço a Deus por termos nos conhecido, apesar de tudo.

O efeito foi o esperado. Este homem grosseiro vacila e abaixa a cabeça uma vez.

Um gemido fraco perto da carruagem. Eu me viro. O homem que tentou me atacar se mexe. Dois milicianos, com suas capas de pele esvoaçando

com o vento, vão prendê-lo. Sangue jorra da nuca dele, que também brota na palma da mão, onde o cortei.

Imagino se meu marido Miklos teria me salvado. Se ele estivesse por perto. Imagino se as rodas, encharcadas de sangue, quebrariam sobre os cadáveres despedaçados, que se tornariam parte da terra. Mas, certamente, alguém precisa vir para se livrar deles.

— Minha lady — András me chama, embora costumássemos brincar quando crianças. Talvez em outra vida, pudéssemos ter nos casado. — Tem certeza de que está tudo bem? — Ele para ao ver a faca em minha mão. Uma dúvida tão próxima do medo cintila em seus olhos. Ele deve estar pensando que os rumores são verdadeiros: eu sou verdadeiramente indomável. Selvagem.

Feral.

Abaixo a mão. — Sim. — Faço a voz suave, dócil, como se não acreditasse no que fiz. Me envergonhei. — Alguém se machucou?

— Farkas levou uma pancada na cabeça, mas parece estar bem — brinca András, batendo os nós dos dedos na lateral da cabeça, e eu me assusto ao ver o sangue endurecido ali. — Crânio duro.

Hesito. — Meu Deus, você está bem?

Ele se vira para esconder o ferimento. — Desculpe. Você não precisa ver isso.

Ignorando-o, com a ajuda da minha faca, arranco um pedaço da saia do meu vestido, com a mão dele sobre a minha enquanto a pressionamos contra o ferimento superficial para estancar o sangramento. Até que o capitão, com a sobrelha erguida, diz: — Talvez devêssemos seguir em frente enquanto a chuva passa.

Sua voz é um estrondo que acompanha o trovão desagradável. Quando um relâmpago risca o céu sobre nós, meus dedos ensanguentados ficam pálidos como osso. No entanto, é verdade que não chove mais.

— Qual é o seu nome, senhor? — pergunto ao capitão.

— Capitão Ervin Szabó, minha lady. — Uma pausa. — Estamos perto — diz Szabó enquanto me levanto — a apenas quinze minutos daqui, mais ou menos. Os vagabundos esperaram até que você estivesse quase completamente fora de perigo para interceptá-la. Bastardos. Venha, minha lady, nós a ajudaremos a entrar na sua carruagem.

— Obrigada, caro senhor — puxo delicadamente o pano, coberto de sangue, do ferimento superficial do meu primo. — Acho que consigo entrar.

Deixamos os corpos de quatro ladrões no chão, com seus cavalos espalhados. O quinto, um homem magro vestido todo de preto, é arrastado impiedosamente por alguns soldados da milícia, mas, à medida que a carruagem se move e András se junta a mim, não vejo o que acontece com ele. Imagino que será enforcado ou fuzilado perto do rio, onde as execuções mancham a margem de preto.

Passamos pela sonolenta aldeia de Višnové, onde, mesmo com a chegada da noite, as mulheres despejam água suja de suas bacias após um dia de lavagem de roupa e as crianças começam a se retirar de suas brincadeiras sujas de lama em meio a cabras e galinhas errantes. Quando um menino, inspecionando a carruagem, cruza o olhar comigo por trás do vidro, ofereço um sorriso cansado, já me sentindo tão distante da violência que aconteceu, mas ainda sentindo o cheiro forte do cobre. Sentindo-o secar na minha mão enquanto amasso o tecido destruído em meu punho.

Sob a sombra do castelo, que serpenteia pela estrada, encontramos figuras vestidas com cores vibrantes na grama, sentadas ao redor de pequenas fogueiras, costurando roupas ou inspecionando potes e panelas.

O aroma pungente da carne de cavalo que vendem invade a carruagem. Mistura-se ao toque cítrico e penetrante de uma cítara, que ecoa pelas colinas outonais ao anoitecer, uma pintura de cores primárias.

À medida que a carruagem passa, um gigante surge: o castelo de calcário branco, erguido no topo de uma das colinas mais altas. O terreno abaixo de nós se inclina.

Admiro as fileiras brilhantes de trigo dourado, mais altas que a minha cabeça, como o celeiro de Deméter. Curiosa, olho por todas as janelas: à minha esquerda, em frente aos campos, há carroças de ervas, e à minha direita, vejo a dança mercurial das chamas das velas refletindo nas lápides de mármore preto do cemitério.

À minha direita, estrias verdes e marrons se estendem por quilômetros e quilômetros na terra. Os muitos vinhedos que ajudam a Condessa a lucrar, além, é claro, da riqueza herdada. Além do gado e dos grãos, o vinho é de longe o empreendimento mais vantajoso. Embora a Viúva Nádasdy não seja conhecida por impor exigências trabalhistas tão severas aos seus camponeses, minha mãe certa vez mencionou suas exorbitantes exigências de impostos ao povo, aceitando apenas dinheiro ou bom vinho como pagamento. Não é de se admirar que haja pessoas que se entregam ao roubo.

À minha frente, András pega um lenço e, cansado, limpa a faca para mim. Depois de uma pausa e um lampejo de emoção indeterminada nos olhos, ele a devolve. Eu a guardo no meu baú de madeira.

Antes de chegarmos, a carruagem bate contra uma ponte sobre um fosso e para uma vez na ponte levadiça do castelo. Quando a viagem termina, contendo meu suspiro de alívio. Sim, é isso que devo estar sentindo, mas por que meu estômago está como uma pedra de sal, duro como osso?

Sobre o xale, visto uma capa de arminho elegante; no entanto, quando saio da carruagem, ela não parece ser necessária. A grama acaricia meus joelhos.

A névoa se apega ao terreno e envolve as pedras calcárias do castelo; através da floresta, onde os vales se aprofundam, luzes em suas casas térreas; flores silvestres; ervas medicinais; grama úmida; e sangue persistente. Eu tropeço, e meu primo me segura pelo braço enquanto eu olho para o castelo. Sua fundação parece forjada a partir da terra branca e rochosa que conquistou; sim, as rochas também são calcárias. Não há maneira melhor de construir um castelo do nada do que usar os materiais aos seus pés.

Dois milicianos carregam meu baú pelos dois lados, segurando-o pelas alças laterais de ferro.

Nos degraus, um komondor branco, um cão pastor, corre para me cheirar. Estendo a mão e seu focinho frio a inspeciona.

— Cuidado — diz Andrés — esses são os cães de guarda da Condessa.

— Ele parece absolutamente cruel — respondo, acariciando a cabeça do cão. — Como um presságio sinistro. — Ele abana o rabo, lambendo meus dedos, e corre de volta para a pesada entrada de madeira do castelo, que fica com uma das portas aberta.

Surge uma mulher de vestido marrom e avental branco, segurando uma lanterna. Ela é atarracada, com cabelos prateados trançados, e não deve ter mais de um metro e meio de altura, se tanto. Seu rosto está marcado pela idade. Os homens que carregam meu baú falam com ela e desaparecem, engolidos pelo Castelo Csejthe.

Troco um olhar com Andrés, e ele me dá um breve aceno de cabeça. — Boa sorte aí dentro, minha lady. Tenho certeza de que se sairá bem. Lady Nádasdy é conhecida por tratar bem suas meninas.

Meninas. Não sou uma menina que menstruou pela primeira vez e precisa que meus pais arranjem um casamento respeitável. Tenho quase vinte e nove anos e sou viúva, precisando ser reeducada como um cão que se esqueceu de não sujar o tapete.

Eu o puxo para um abraço, as bordas metálicas de sua armadura de couro cravando-se em minha bochecha, ameaçando sangrar. Com um suspiro pelo nariz, ele retribui o abraço e depois me deixa. Puxo minha manga para baixo para esconder o sangue.

— Olá — diz a velha — você deve ser Lady Esterházy.

Ainda penso em - Lady Esterházy - como o nome que todos dão à minha mãe, não a mim. Ela veste bem o manto. Para mim, o manto é pesado.

Ofereço um sorriso superficial. — Sim.

— Você chegou cedo. Tenho certeza de que a Condessa ficará satisfeita. — Não tenho certeza se isso soa tão ameaçador quanto sua voz baixa faz parecer. — Pode me chamar de Dorkó. — Soa familiar demais; me pergunto se é assim que a Viúva Nádasdy a chama. — Eu supervisiono todas as criadas. Embora você responda à Condessa mais de perto do que às outras, eu lhe mostrarei o castelo.

O fogo da lamparina e os braseiros próximos deixam seu rosto magro pálido como a lua.

De perto, vejo os focinhos enrugados das gárgulas nos olhando de soslaio, suas enormes asas de morcego agindo como escudos contra a chuva restante.

Dorkó gira sobre os calcanhares com uma graça silenciosa, apesar da espessura de seus sapatos pontudos de couro costurado. Normalmente, um servo esperaria um nobre passar por ele antes de entrar em um salão. Pelo jeito como ela se comporta, me pergunto qual seria sua origem. Olho para trás.

Às vezes, penso em como seria correr para bem longe. Talvez encontrar uma bruxa na floresta, aprender feitiços e beber ambrosia. Provavelmente, eu tropeçaria em uma raiz e quebraria o pescoço, e os lobos se banqueteariam com meus ossos e tutano.

Antes de segui-la, coloco a mão sob o colar, levanto o olhar triste de Santa Saturnina até meus lábios e beijo suas frias pálpebras prateadas.

Endireitando as costas, preparo-me para encontrar a lady do domínio e marcho em frente. As sombras negras da entrada do castelo me engolem.

Dois

Sou afortunada; ainda não cheguei à morte. Não tenho motivos para reclamar ou chorar. Preciso manter a cabeça erguida.

Eu devo ser de aço, sempre sempre sempre.

Forte como Mãe.

Sempre.

Enquanto encaro as costas de Dorkó, não devo pensar na carranca e na decepção da minha mãe quando lhe disse que não podia ficar na mansão vazia que outrora dividi com meu marido. Ela interpretou isso como uma afronta, como se, entre ela e a Viúva Nádasdy, eu me achasse boa demais para o meu destino.

Boa demais para ser viúva e vagar por corredores mortos como um fantasma.

Não se engane. Sou um fantasma. Mesmo assim, vou continuar.

Quando ela para e me encara, Dorkó franze a testa ao olhar para minha saia rasgada. — Aconteceu alguma coisa com o seu vestido?

Apesar de esconder minha mão suja sob as camadas de roupa, digo a verdade. Ela não é boba, no entanto; se não diz nada, é porque não precisa. — Houve uma escaramuça. Ladrões nos atacaram. Tentei ajudar meu primo com o ferimento.

Ela aperta os lábios, pensativa. — Hm. Se ele ainda estivesse aqui, eu recomendaria colocar manjeriço ou salsa na comida dele. Isso retarda o sangramento.

— Sério? Eu não sabia disso.

— De fato. — Ela abaixa a cabeça e continua.

Sigo Dorkó até a mansão onde a Viúva Nádasdy janta com convidados ou com sua corte. Quando ela me conduz ao vasto salão de jantar, paro na soleira e absorvo tudo; embora minha propriedade não seja modesta com suas paredes coloridas, fico chocada com a beleza ali: tapeçarias flamengas adornam as paredes, ladeadas por louros, frutas vermelhas e flores multicoloridas.

Uma delas retrata, sobre um fundo de mil-flores, duas mulheres em vestidos de vermelho escuro, azul imponente e laranja-sol; elas bordam juntas sob uma árvore de caqui, cujas flores parecem pequenos sóis gordos.

Abaixo dos meus pés, estendem-se tapetes turcos com padrões geométricos e fractais, todos em escarlate ou azul-noite. No canto direito, em frente à lareira iminente, tão grande e faminta quanto a baleia de Jonas, encontram-se cinco baús de madeira, altos o suficiente para me alcançarem a cintura e ostentando complexas fechaduras de metal; e, claro, há a longa mesa de jantar no centro da sala, que pode acomodar cerca de cento e cinquenta pessoas em um banquete opulento, onde todas as taças e louças brilham em prata. A mistura picante de perfume e comida saborosa ainda paira no ar.

Acima de tudo, centralizados entre os azulejos de cores primárias sobre tijolos brancos, em pedra, estão anjos sisudos e triunfantes. Dois anjos femininos de cada lado da cadeira principal, cada um juntando as mãos em prece. Uma com a cabeça baixa, outra olhando para cima em êxtase, como Maria Madalena tendo uma visão divina. Suas tranças são longas e flácidas. Outro no centro, um homem alto e musculoso, poderia muito bem ser o Arcanjo Miguel, com a armadura sobre as vestes, uma espada cuidadosamente esculpida fincada no lugar perto do punho, o cabelo uma cama de cachos grossos, o maxilar anguloso e firme.

Todo o ambiente é um choque de cores e cinza austero, até o teto abobadado, como uma catedral com mosaicos de arco-íris na pedra

sombria. Decadência, mas com aquele toque de reverência e meditação, paradoxos em perfeita harmonia.

Uma mistura de culturas também. Muitos lençóis, cortinas e tapetes são feitos de tecidos turcos, enviados como presentes de trégua; nenhuma pessoa de posição sob a Coroa dos Habsburgos, no Parlamento Húngaro, jamais usaria uma vestimenta turca em público, mesmo que fosse um presente do próprio sultão. Principalmente se fosse um presente.

Mas os nobres fazem uso delas, adotando arranjos de flores e frutas turcos, fazendo o melhor que podem para cultivar laranjas, damascos e tamareiras, enquanto se deliciam com o café mediterrâneo.

Sobrecarregada, sinto cheiro de fumaça e sangue, um campo de batalha de balas e raios. Apoio-me contra o arco alto da entrada, com ondulações de pedra perfurando o tecido que cobre meu cotovelo.

Dorkó também me mostra a cozinha, pelo menos três vezes maior que a de casa. Mulheres e meninas de avental sentam-se em bancos e pedras, o ambiente repleto do tilintar e do arrastar de panelas e pratos que fileiras de copeiras esfregam furiosamente como se o Dia do Juízo Final tivesse chegado. Sinto o cheiro da enxurrada de especiarias empilhadas na comida. Páprica moída, pimenta-do-reino, alho, manjerona e sementes de aipo.

Quando a chefe me leva novamente ao salão principal, com seu teto abobadado e fileiras de candelabros, ela para ao som de passos apressados. Duas pessoas descem correndo as escadas, se espalhando pelo centro da sala. Paro diante de um senhor mais velho, seguido por uma mulher de vestido azul e elegante sobretúnica prateada, que cruza as mãos com afetação. Embora mais velhos, estão corados, sem fôlego e sorrindo como jovens amantes. Ou como duas pessoas contando uma piada às custas de alguém.

O homem veste uma túnica amarelo-pimenta com gola de pele de lobo e um gorro de zibelina com penas turquesa brotando na lateral. Seu rosto

redondo ostenta um bigode e barba pretos, abundantes e impecavelmente aparados, com mechas brancas.

Ele balança a cabeça e coça a barba enquanto seu sorriso se transforma em uma carranca. — Maldita mulher.

Eu o reconheço, mas não sua companheira, com seus cachos de bronze lindamente trançados e uma teia dourada de pérolas brilhantes de água doce no pescoço. Ela não estaria deslocada como uma das sereias que tentaram atrair Odisseu e seus homens para suas sepulturas salgadas.

O homem é Lorde György Thurzó, vizinho da viúva Nádasdy e amigo político próximo da Coroa dos Habsburgos. Ele também foi ao meu casamento, sorrindo com naturalidade depois de algumas doses de conhaque, e sua voz era como seda. É raro vê-lo sem suas peles, anéis e golas.

Um bom amigo de Lorde Silvas, o lobo do meu quarto.

Preciso ter cuidado perto dele.

Ele manca, com uma hesitação na perna direita, provavelmente gota. Apoiando-se na esquerda, apoia-se numa bengala preta com uma cabeça de águia prateada. Ele me chama a atenção com aquele brilho de reconhecimento enquanto segura a aba curta do chapéu.

Droga. Já estou preocupada o suficiente com a Viúva Nádasdy. Em me forçar a parecer dócil, no máximo, educada. Onde qualquer desrespeito seja encantador e não seja evidência de como estou arruinada.

Sem apresentar nada, Thurzó diz, com a voz de um garanhão adormecido soltando o ar: — Ah, quanto tempo. Você se parece tanto com seu pai, minha lady, uma alegria e uma tristeza, bendito seja o seu nome. Ele lutou bem nas escaramuças com os turcos.

— Sempre tive orgulho dele — digo, fazendo o sinal da cruz.

Thurzó estende a mão para a mulher ao seu lado. — Você conheceu minha esposa, não é?

Tentando parecer agradável, digo: — Acho que não. É uma honra. — Penso em por que não a vi e por que ela não estaria com o lorde seu marido no meu casamento. Talvez estivesse grávida ou na corte. Em Viena, as nobres de boa reputação adoram passear pela cidade e comprar em lojas com as melhores culinárias e vestidos. Sem dúvida, eu adoraria me perder naquele lugar cor de safira.

Sob seus lindos cachos cor de bronze, o rosto da esposa dele é rosado e em formato de coração; prevejo que a diferença de idade entre eles seja menor do que a que tive com Miklos, mas ela deve usar uma boa quantidade de vinagre para deixar o rosto tão liso. Ver os grãos de base faz meu próprio rosto coçar; enquanto o crepúsculo se instala, estou com meu próprio pó de chumbo desde as nove da manhã. Como devo estar oleosa e pálida, com o cansaço drenando o sangue do meu rosto e pescoço...

— Lady Erzsébet Czobor — Thurzó apresenta carinhosamente, como se poupasse a esposa da necessidade de fazer isso ela mesma. Czobor. Ela deve ser parente do Barão Czobor, o ex-governador palatino da Hungria. Talvez filha dele. Ela é bonita e me lembra uma amiga de infância, Zuzanny, que uma vez beijei, como as meninas fazem, debaixo de um pé de damasco.

Quando ela sorri, seus lábios brilham intensamente com ruge. Ela veste bem os tons vibrantes do vestido, carregando seus ossos de besouro como se tivesse nascido para isso. Acho que me lembro de que Thurzó havia se casado antes dela, mas não me lembro se o casamento terminou em divórcio ou morte.

Agora, através da cordialidade deles, vejo a hesitação em seus sorrisos de cera, sua relutância. O cuidado de Thurzó e sua esposa me faz desejar

não ter falhado, e, no entanto, há algo de valioso em não ser mais a filha invisível e tímida do Lorde e da Lady Esterházy.

Sou conhecida. Volátil como os ancestrais hedonistas da própria Viúva, aqueles dragões em pele humana.

Talvez os nobres, com suas traições e jogos astutos, pensem duas vezes antes de me contrariar, estendendo as mãos a um cão louco.

Ou eles vão me arruinar. Me trancafiar. Colocar cicuta ou acônito no meu vinho.

Lady Czobor sorri docemente. — É um prazer conhecê-la. Estou impressionada com os feitos militares do seu pai e com a lealdade e generosidade da sua mãe. — Suas pálpebras tremem de um jeito que diz: *Pobre coitada, estúpida e indefesa. Nascida para a tragédia e o fracasso. Nascida sob uma estrela ruim.* — Sinto muito pela sua perda, querida. — Ela franze os lábios.

— Perdas — murmuro, enquanto eles olham, perplexos, a chefe das criadas apenas observa com as mãos unidas.

Lady Czobor se recupera rapidamente, se é que percebeu meu deslize de decoro ao corrigi-la. — Sei que seu marido está no Reino agora. E os outros... bem, perdi meu filho János anos atrás, quando ele ainda estava no berço. Sei que é difícil, e espero que seu próximo casamento e nascimento sejam mais gentis.

Miklos, meu marido. Quando tive meu primeiro sangue, aos dez anos, eu já estava prometida a ele, vinte anos mais velho que eu.

Só me casei com ele quando tinha quase dezesseis anos e, por mais de uma década, trabalhei para amá-lo e impressionar sua mãe, que era responsável por me ensinar as responsabilidades de esposa e dona de casa, que deve administrar os assuntos financeiros enquanto o marido está na guerra.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Unholy with Eyes like Wolves" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).